



ESCOLA
OS PIORES
ANOS DA MINHA VIDA

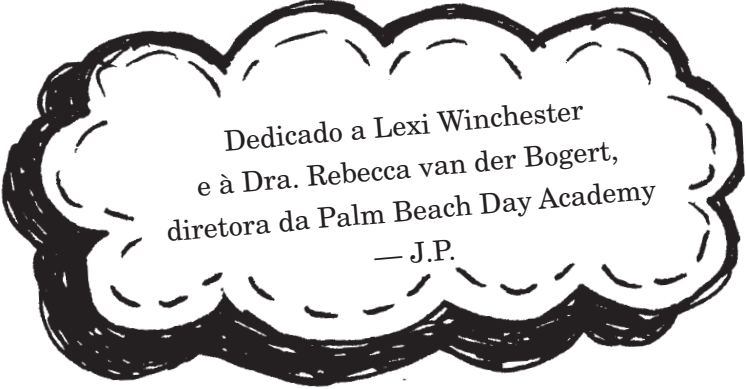
James Patterson

e CHRIS TEBBETTS


ILUSTRAÇÕES DE LAURA PARK



ARQUEIRO



Dedicado a Lexi Winchester
e à Dra. Rebecca van der Bogert,
diretora da Palm Beach Day Academy
— J.P.

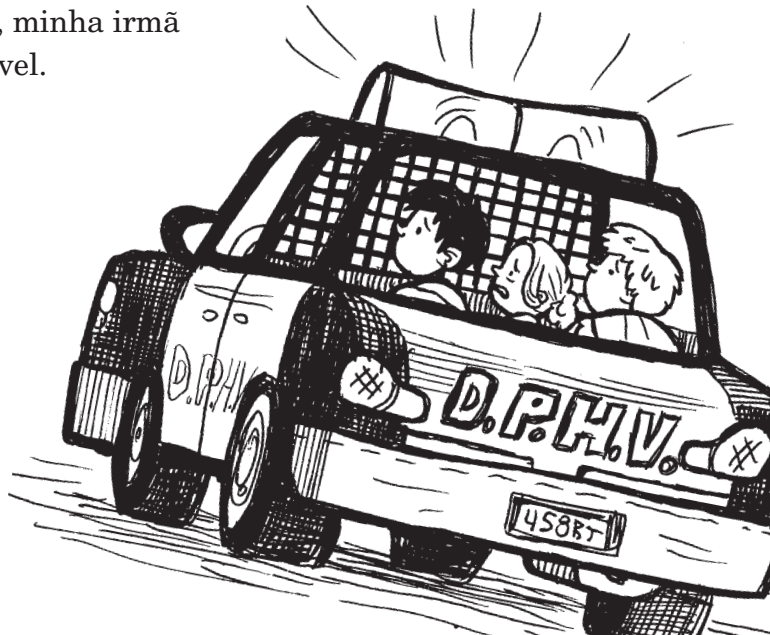


Para Jonathan
— C.T.

CAPÍTULO 1

Meu NOME é RAFA KHATCHADORIAN, HERÓI TRÁGICO

Acho que faz bastante sentido eu começar esta história de desespero e infortúnio no banco de trás de uma viatura do Departamento de Polícia de Hills Village, espremido feito sardinha em lata, junto com Leonardo Caladão e Georgia, minha irmã insuportável.



Bom, este é o retrato de uma família patética da qual você nunca iria querer fazer parte, pode acreditar. Mais tarde falarei sobre o infeliz incidente com a polícia. Mas preciso de uma preparação antes de contar essa história desastrosa.

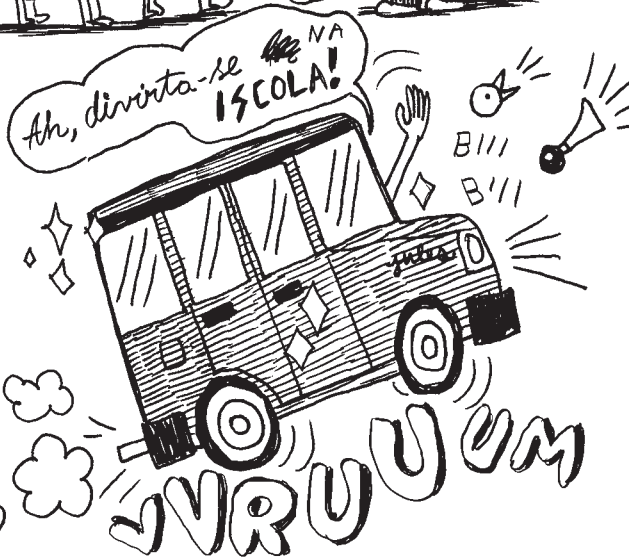
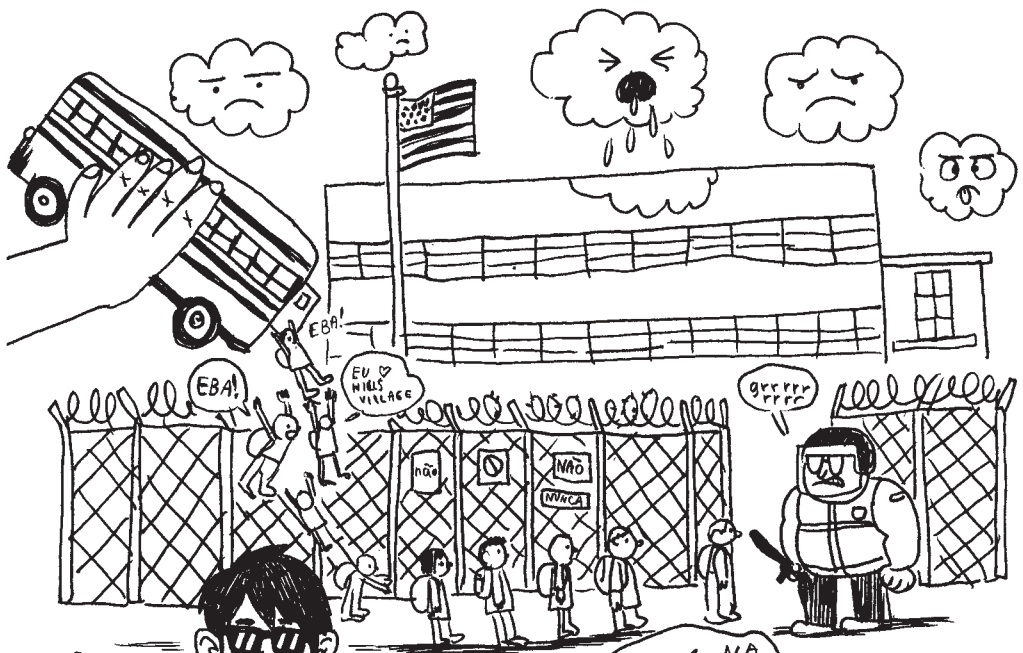
Então... *tchã-rã!* Aqui está, para os fãs de livros – e todos aqueles que estão precisando de pontos extras de leitura na escola –, minha autobiografia até o momento. O tão temido sexto ano. Se você já chegou lá, sabe do que estou falando. Se ainda não chegou, logo, logo vai saber.

Mas vamos encarar a realidade: *me* entender (quer dizer, entender *de verdade* a mim e à minha vida maluca) não é assim muito fácil. Por isso acho tão difícil encontrar pessoas confiáveis. O fato é que eu não sei em quem posso confiar. Então, de maneira geral, não confio em ninguém. Tirando a minha mãe, Jules. (Na maior parte do tempo, pelo menos.)

Então... vamos ver se eu posso confiar em você. Para começar, aqui vão algumas informações básicas.

Esse aí sou eu, chegando à “prisão” – também conhecida como Escola Municipal de Hills Village – no carro de Jules. O crédito do desenho vai para Leonardo Caladão.

Voltando à história, tem, *sim*, outra pessoa em quem confio: Leonardo.



Leo é Louco e Irado com *L* e *I* maiúsculos, mas está sempre com os pés no chão.

Eis algumas pessoas em quem eu não confio nem um pouquinho.

Tem a professora Donatella Carrasco, mas você pode chamá-la apenas de Mulher-Dragão. Ela dá aula de inglês e também é responsável pela minha matéria preferida no sexto ano: castigo depois da aula.



Tem também a professora
Ida Severo, a coordenadora.
Ela é responsável por
absolutamente tudo
na EMHV – até pela
respiração das pessoas.

Esta é Georgia, minha
irmã superenxerida,
superantipática e

superpirralha
cuja única

qualidade é

se parecer com a Jules
quando ela estava no
quarto ano.

Tem mais
gente na minha
lista, e vamos falar
dessas pessoas em
algum momento. Ou
não. Não sei bem
como isto aqui vai
funcionar. Como
você provavelmente
já percebeu, este é o

primeiro livro que escrevo.

Mas vamos falar sobre *nós dois* um pouquinho.



Eu até quero confiar em você, mas como vou saber se posso contar todas essas coisas pessoais que me dão vergonha (como, por exemplo, a história desastrosa com o carro de polícia)? Como você é? Como você é *por dentro*?

É uma pessoa boa e decente? Quem disse? Você? Seus pais? Seus irmãos?

Está bem, no espírito de uma possível amizade entre nós (e isso é uma coisa muito séria para mim), aqui vai outra confissão verdadeira.

Na verdade, era assim que eu estava quando cheguei à escola naquele primeiro dia do sexto ano.

Ainda somos amigos ou você já caiu fora?

Ei... *Não vá embora*, tá?

Acho que gostei de você.

Falando sério. Pelo menos você sabe escutar. E – pode acreditar – eu tenho uma história e tanto para contar.



CAPÍTULO 2

ESCOLA MUNICIPAL DE HILLS VILLAGE/PRISÃO DE SEGURANÇA MÁXIMA

Certo, então imagine o dia em que a sua tataravó nasceu. Imaginou? Agora recue mais uns 100 anos. E depois mais 100. Foi mais ou menos nessa época que construíram a Escola Municipal de Hills Village. Claro que, naquela época, ela era uma prisão para adultos, mas não mudou muito de lá para cá. Agora é uma prisão para alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono ano.



Eu já assisti a filmes suficientes para saber que, quando você chega na cadeia, basicamente tem duas escolhas: (1) bater em alguém até não poder mais para que todas as outras pessoas achem que você é louco e não encham o seu saco, ou (2) ficar de cabeça baixa, tentar não chamar a atenção e não despertar o lado ruim de ninguém.

Você já viu como eu sou. Então deve imaginar qual opção escolhi. Assim que entrei na sala de aula, fui direto me sentar na última fileira, o mais longe possível da mesa do professor.

Esse plano só tinha um problema, e o nome dele era Miller. Miller Matador, para ser exato. É impossível não despertar o lado ruim desse garoto, porque ele só tem esse!

Mas eu ainda não sabia disso.

– Vai sentar no fundão, é? – disse ele.

– Vou, sim – respondi.

– Você é daqueles que gostam de arrumar encrenca?

Dei de ombros.

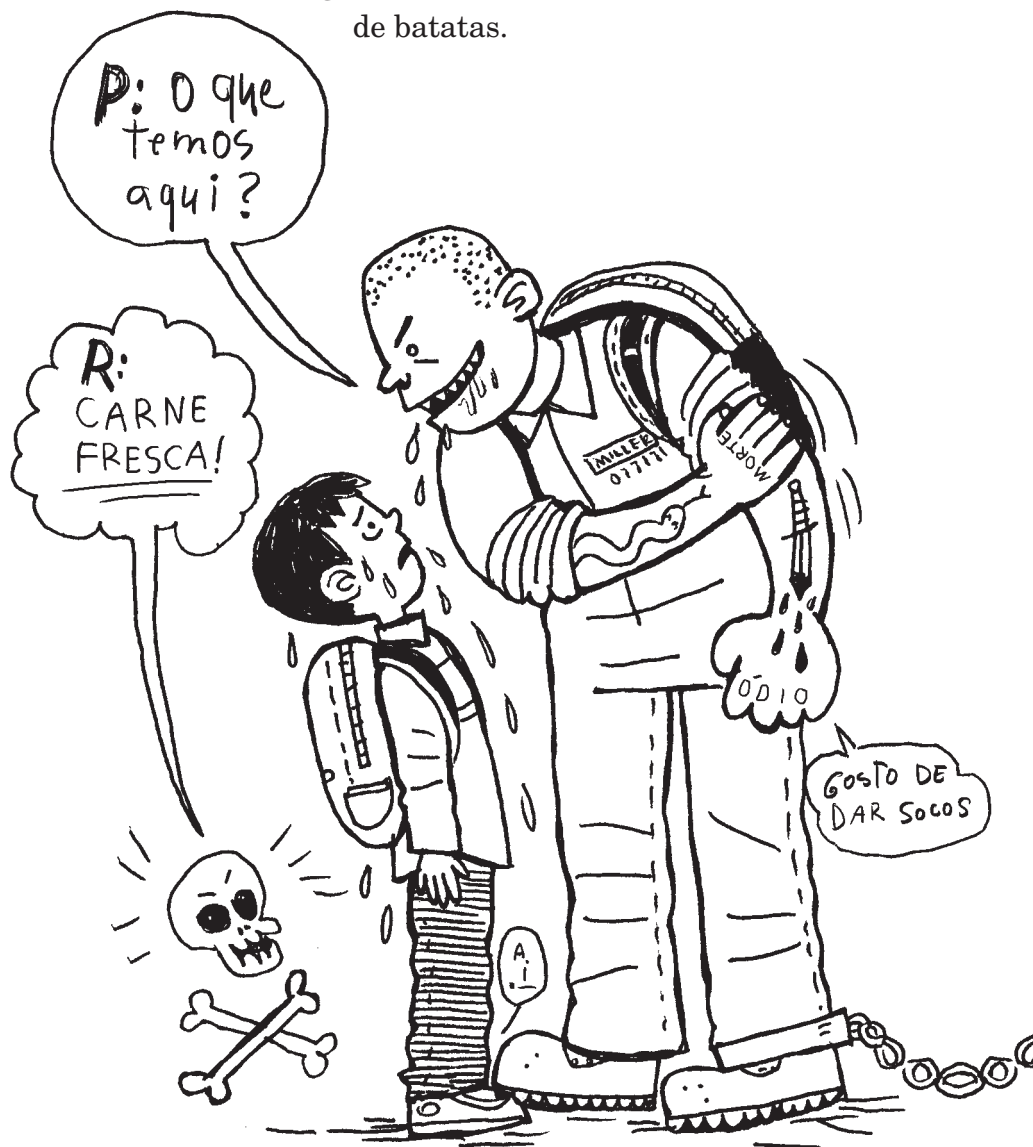
– Sei lá. Na verdade, não.

– Porque é aqui que ficam os caras barra-pesada – continuou ele, dando um passo na minha direção. – E, por falar nisso, você está no meu lugar.

– Não tem seu nome escrito aqui – retruquei.

Eu já estava mesmo pensando que tinha falado besteira quando Miller colocou uma das patas

tamanho GGG no meu pescoço e começou a me
erguer, como se eu fosse um saco
de batatas.



Como geralmente gosto de manter minha cabeça grudada no corpo, achei melhor trocar de lugar.

– Vamos tentar mais uma vez – disse ele. – Este é o meu lugar. Entendeu?

Entendi, sim. Fazia uns quatro minutos e meio que eu estava no sexto ano e já tinha um alvo pintado nas costas. Justo eu, que não queria chamar a atenção...

E não me entenda mal. Não sou um banana. Espere mais alguns capítulos e mostrarei do que sou capaz. Mas, por enquanto, resolvi apenas me mudar para alguma outra parte da sala, tipo um lugar menos nocivo à minha saúde.

Só que, quando fui me sentar mais uma vez...

– Nã-não – gritou Miller. – Esse aí também é meu.

Você já percebeu como isso vai acabar, né?

Quando o professor Rick chegou, eu estava lá parado, de pé, imaginando como seriam os próximos nove meses sem me sentar.

Ele me olhou por cima dos óculos.

– Com licença, senhor...

– Khatchadorian – completei.

– Saúde! – gritou alguém, e a classe inteira começou a dar risada.

– Silêncio! – berrou o professor, enquanto conferia a lista de chamada para saber qual era o meu nome completo. – Está tudo bem com você, Rafa? –

perguntou ele, sorrindo como se estivesse esperando uma fornada de biscoitos.

– Está, sim, obrigado – respondi.

– E você achou as carteiras desconfortáveis?

– Não exatamente – falei, já que não podia entrar em detalhes.

– Então SENTE-SE. AGORA!

Ao contrário do Miller Matador, o professor Rick com toda a certeza tinha dois lados, e agora eu já conhecia os dois.

Como ninguém foi burro o bastante para se sentar bem na frente do Miller, essa era a única cadeira sobrando na sala inteira.

E como às vezes eu sou o maior idiota do mundo, não olhei para trás quando fui me sentar. E caí com tudo no chão.



A boa notícia? Levando em conta a maneira como tudo tinha começado, de agora em diante as coisas só podiam melhorar.

A má notícia? Eu estava completamente enganado a respeito da boa notícia.



PELO MENOS EU TENHO O LEO

Sabe aquelas pessoas que se dão tão bem que parece que uma completa a outra? É assim comigo e com o Leo – no que diz respeito a palavras e desenhos, pelo menos. Eu cuido de falar e ele se encarrega de desenhar.

Leo fala comigo às vezes, mas só às vezes. Conversar não é a dele. Se ele quisesse avisar a você que a sua casa estava pegando fogo, provavelmente faria um desenho. O cara é tão falante quanto uma girafa. (Ah, eu tenho mil piadinhas sem graça, senhoras e senhores!)

Diga “olá”, Leo.

ECA!
Alguém
acende um
fósforo!



DIGA 'OLA',
LEO!

Ele
está
falando
comigo?

Não! Acho
que ele está
falando
comigo.

Devo estar
gripada



Está entendendo o que eu quero dizer?

Além do mais, se é verdade que uma imagem vale mais que mil palavras, então o meu amigo Leo tem mais coisas a dizer do que qualquer pessoa que eu conheça. Você só precisa saber escutar.

Resumindo, Leonardo Caladão é o meu melhor amigo – em Hills Village e em qualquer outro lugar. E antes que ele fique todo metido, devo dizer que não tem muita gente disputando esse título. Eu não sou exatamente a definição de *garoto popular*.

E isso me leva à outra coisa que aconteceu nesse dia.

CAPÍTULO 4

RÁ, RÁ, RÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ...

Depois da chamada, geralmente nos mandam para a primeira aula, mas esse dia era “especial”. Haveria uma GRANDE REUNIÃO ESCOLAR para dar início ao ano letivo, e todo mundo estava muito entusiasmado com isso.

Claro que, quando eu digo *todo mundo*, quero dizer todo mundo menos eu.

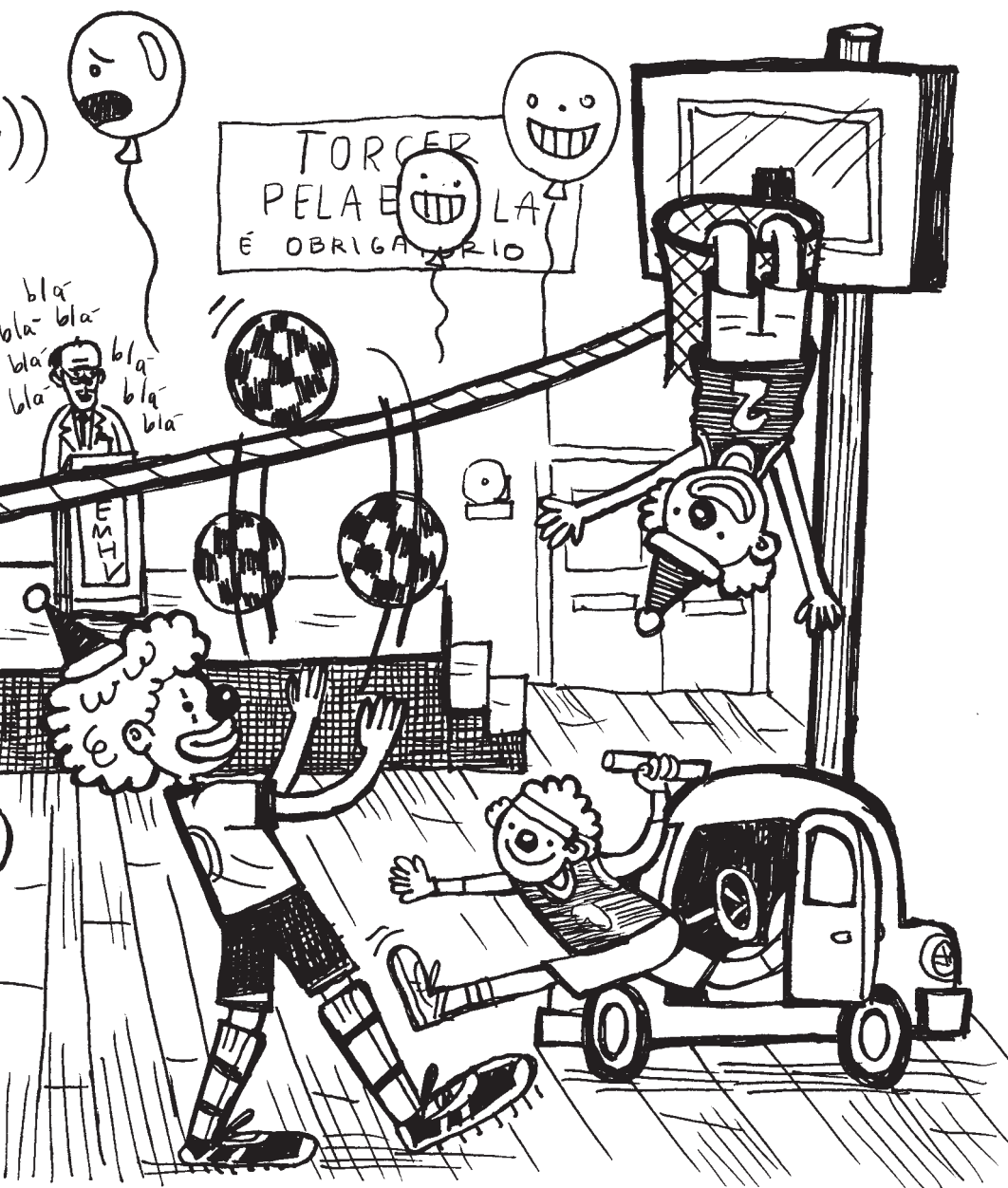
Fomos para o ginásio como se fôssemos um rebanho. Chegando lá, nos acomodamos nas arquibancadas e aguardamos. Tinha um púlpito bem no meio da quadra com um microfone e um cartaz enorme na parede: BEM-VINDOS À EMHV!!!



...ele mandou que as animadoras de torcida entrassem, junto com as equipes de futebol americano, basquete e atletismo. Isso fez com que todo mundo se levantasse e começasse a gritar.



(Claro que, quando eu digo *todo mundo*, quero dizer todo mundo menos eu.) Só faltava uma lona de circo e um casal de elefantes dançarinos.



Depois disso, a professora Ida anunciou que quem quisesse concorrer a uma vaga de representante no conselho estudantil deveria ir até o microfone.

Cinco ou seis alunos de cada ano se levantaram, como se já estivessem esperando por esse momento. Acho que o professor Rick deve ter falado algo sobre isso, mas eu estava tão preocupado esperando o Miller enfiar um lápis na minha nuca que não prestei atenção em mais nada.

Começaram com os alunos do sexto ano. Ouvimos dois palhaços que eu não conhecia, depois um carinha chamado Matt Kruschik – que comia meleca até o quarto ano – e então...

– Oi, pessoal. Meu nome é Jeanne Galletta.

Mais ou menos metade dos alunos do sexto ano e alguns do sétimo e do oitavo começaram a bater palmas na hora. Ela devia ter vindo da Escola Millbrook, porque eu não a conhecia. Eu tinha estudado na Escola Seagrave, onde caçávamos ratazanas nas aulas de educação física e a maior parte das crianças ganhava lanche grátis, inclusive eu.

– Acho que serei uma boa representante porque sou uma boa ouvinte – disse Jeanne. – E não existe nada mais importante que isso.

Eu estava ouvindo!

E ela era simplesmente linda. Dava vontade de ficar olhando o rosto dela para sempre. Mas ela

também parecia ser legal, como se não se achasse melhor do que ninguém. Mesmo que fosse.

– Tenho muitas ideias para transformar a escola num lugar melhor – prosseguiu ela. – Mas, primeiro, quero fazer uma coisa.

Então ela largou o microfone, veio andando na minha direção e parou bem na minha frente. Olhou diretamente para mim e perguntou:

– Você é o Rafa?

De repente eu fiquei tão falante quanto o Leo, mas consegui responder.

– Sou eu.

– Quer dividir uma batata frita grande comigo na hora do lanche?

– Claro! Eu pago – respondi, porque tinha no bolso uma nota de 20 que tinha achado na rua mais cedo.

– Não – disse ela. – Faço questão de pagar.

Estava todo mundo olhando. A banda começou a tocar, as animadoras de torcida começaram a animar...

JEANIE



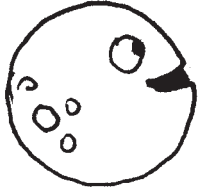
Batata Frita e
PAZ MUNDIAL!



Humm...
Você curte
um eclipse?

Estou
na
sala dela!

Uau!



... e Miller Matador morreu engasgado com um M&M de amendoim. Daí eu ganhei na loteria, a paz mundial foi alcançada e a professora Ida me disse que, pelo fato de eu ser completamente maravilhoso, poderia pular o sexto ano e voltar só no ano que vem.



– ... então eu espero que vocês votem em mim – Jeanne ia dizendo, e todo mundo começou a bater palmas enlouquecidamente.

Eu nem tinha ouvido a maior parte do discurso. Mas ela com toda a certeza já tinha o meu voto.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br